

GEOGRAFIA, POESIA E ALGUMAS PALAVRAS SOBRE SABER, SER E HABITAR

Geography, poetry and a few words about knowing, being and dwelling

Vinícius Anselmo Goes¹

RESUMO

A partir da Geografia, Poesia e outras lentes da realidade e do imaginário, objetivamos discutir o ser humano em sua necessidade e capacidade de habitar. Mais especificamente objetivamos: analisar a organização do conhecimento; perceber como a poesia pode expressar o urbano; e quem sabe, exercitar nosso “lado” poético. Para tal, fundamentamos entre outros em Bachelard (1978), Dardel (2015), Lefebvre (1999; 2008), Moraes (1991) e Santos (2010). Quanto aos poetas e suas obras dialogamos com Bandeira (2001), Emicida (2011), Martins (2003), Reis (2014) e White (2003). Diante da fragmentação da ciência moderna e da vida cotidiana e com as imagens poéticas captadas, consideramos a necessidade de expandir a casa ao urbano para que habitando-o, o sujeito possa efetiva e afetivamente, Saber, Ser e Habitar. O que parece possível apenas, se fizermos do habitar constante obra e criação poética.

Palavras-chave: Geografia. Poesia. Urbano. Habitar. Conhecimento.

ABSTRACT

Based on Geography, Poetry and other real and imaginary readings, we aimed to discuss the human being in their need and ability to dwelling. More specifically, we aimed to analyze the organization of knowledge; perceive how poetry can express the urban; and perhaps exercise our poetic side. To this end, the following works were used as a basis: Bachelard (1978), Dardel (2015), Lefebvre (1999; 2008), Moraes (1991) and Santos (2010). As for the poets and their works, we converse with Bandeira (2001), Emicida (2011), Martins (2003), Reis (2014) and White (2003). In face of the fragmentation of modern science and everyday life, and with the poetic images already perceived, we considered the need to expand the home to the urban, so that, by dwelling it, the subject can effectively and affectively Know, Be and Inhabit. This only seems possible if Inhabiting is taken as a constant work of poetic creation.

Keywords: Geography. Poetry. Urbano. Dwelling. Knowledge.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XI, Serrinha. goes.v.a@gmail.com

✉ Rua Renato Nogueira, 18, Bairro Aboboras, Serrinha, BA. 48700-000.

INTRODUÇÃO

Se, por um lado, a pulverização do conhecimento em inúmeras disciplinas possibilitou a verticalização da investigação científica e, por conseguinte, o aprofundamento em várias áreas do conhecimento, por outro, ela foi limitando, principalmente aqueles que se acomodaram em seus nichos intelectuais, sem a reflexão necessária e pertinente ao pensador, porque a perda da noção de totalidade [...] comprometeu muitas investigações.
(SPOSITO, 2004, p.195)

Começamos assim para frisar que é necessária a fragmentação para estudo, afinal ainda não estamos (um dia estaremos?) dotados da capacidade de apreensão da realidade enquanto totalidade. Mas feita a fragmentação e a compreensão preliminar parece necessário ir mais além, buscando uma compreensão mais ampla, não sendo pertinente a obsessão que se tem visto pela especialização do saber a ponto de alguns já falarem que estamos usando a metodologia de Jack, O Estripador (“por partes!”) para formar especialistas que sabem “quase tudo de quase nada!”, ou, nas palavras de Santos (2010, p.88), “a ciência moderna produz conhecimentos e desconhecimentos. Se faz do cientista um ignorante especializado faz do cidadão comum um ignorante generalizado.”.

Talvez a carapuça acima caia bem na geografia como em outras ciências no âmbito universitário. No âmbito da educação básica, cada vez mais se prima (ainda que sob o verniz dos múltiplos saberes), pela racionalidade fortemente eficiente para escolher a resposta certa na múltipla escolha dos vestibulares, ou igualmente eficiente para criar (ops! A palavra não é bem essa, o “certo” é igualmente eficiente para “produzir”) um texto dissertativo argumentativo no momento mais “criativo” do vestibular: a Redação. Desse modo, implícita e explicitamente, subestima-se imaginação e criação, e ainda assim

pretende-se que o estudante seja capaz de transformar o mundo em que vive. Pode-se ver então quanto somos incríveis (no sentido de difícil de acreditar-se)!

Dito isto, lembramo-nos de que “desde que o mundo é mundo” das cavernas à contemporaneidade (ou já estaríamos em uma pós-contemporaneidade?!), a arte e a “Geografia espontânea” (MORAES, 1991) estão íntima e fortemente presentes nas maneiras que o ser humano habita o planeta Terra. Das pinturas rupestres, passando pelas histórias dos Griôs, e pelos incontáveis livros sagrados sempre ligados a lugares não menos sagrados, formalizando-se nos tratados de filosofia e ciência até voar novamente ao RAP² e aos relatórios sobre o “Aquecimento Global”, o ser humano tem produzido e criado conhecimento sobre o seu habitar e sua cultura (enquanto modo de fazer), por isso o presente trabalho já se justifica pela necessidade de contribuir com a discussão geográfica sobre a referida ampla temática; mas se justifica ainda mais por acreditar na relevância de contribuir também com a discussão “extra” geográfica e assim corroborar com práticas que almejem uma visão que considere as múltiplas inteligências do ser humano que somos.

Nesse sentido, a partir da geografia, poesia e outras lentes da realidade e do imaginário, objetivamos discutir o ser humano em sua necessidade e capacidade de habitar. Mais especificamente objetivamos analisar a organização do conhecimento; perceber como a poesia pode expressar o urbano; e, quem sabe, se a inspiração der o ar de sua graça, exercitar o nosso “lado” poético, criando e compartilhando um poema com o qual se aposta no discutido (o ideal é que o leitor só descubra se a inspiração veio ou não no último parágrafo do texto, por isso aconselhamos não pular etapas, páginas). Para tal, nos fundamentamos, entre outros, em Bachelard (1978),

² RAP, sigla para ‘Rhythm and Poetry’ ou Ritmo & Poesia.

Dardel (2015), Lefebvre (1999; 2008), Moraes (1991) e Santos (2010). Quanto aos poetas e suas obras, dialogamos com Bandeira (2001), Emicida (2011), Martins (2003), Reis (2014) e White (2003).

E COM VOCÊS: OS TAIS NÍVEIS DE CONHECIMENTO!

Os níveis de conhecimento são: o senso comum, a Filosofia, a ciência e a religião. Neste texto, vamos tentar trabalhar apenas com os níveis filosófico e científico. A teoria do conhecimento trabalha, antes de tudo, com a razão. As lógicas podem variar, mas a razão vai além do senso comum e da religião. Ela está no plano da ciência e da filosofia.
(SPOSITO, 2004, p.75).

O dizer de Sposito, de fato nos soa bem familiar e diríamos tradicional, a não ser pela ausência da arte, o que indicaria que ou o autor não a concebe como um dos níveis do conhecimento ou que ela esteja inserida dentro de um dos níveis por ele elencado (talvez no senso comum, na filosofia?). Chamamos atenção ainda ao destaque dado ao binômio ciência-filosofia, e é nesse ponto que convidamos Santos (2010) para a conversa:

[...] um modelo global, a nova racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos) (SANTOS, 2010, p. 21).

Ao falar sobre o paradigma dominante da ciência moderna este último autor indica a distinção das esferas do conhecimento entre

científico e humanidades, em meio os quais além do filosófico e teológico (tomemos aqui como religioso) cremos estarem também os estudos artísticos (lá pelas bandas dos estudos literários ou dos “entre outros”). Para Moreira (2008b), é na concepção positivista de conhecimento do mundo que ciência e arte aparecem em mundos separados, reservada à arte uma posição marginal. O que não é adequado segundo o autor, afinal tanto a literatura como a geografia, a química, entre outras, são modos de expressão do real.

Ambos os autores, cada qual a seu modo, fazem a crítica e identificação da crise da ciência moderna e seu paradigma dominante, sendo que é em Santos (2010) que mais claramente se tem formulado um vislumbre de paradigma emergente, centrado em quatro características: todo conhecimento científico-natural é científico-social; todo o conhecimento é local e total; todo o conhecimento é autoconhecimento; e todo conhecimento científico visa-se a se constituir em senso comum. Como os últimos serão os primeiros destacamos por hora a quarta.

De uma só vez, evidenciamos que é preciso ao menos se pensar o porquê de consideramos a ciência e a filosofia o suprasumo das lentes de apreensão da realidade. Supondo essa consideração razoavelmente válida, deveríamos pensar como essas duas poderosas lentes são utilizadas na escola, já que seria lá que mais facilmente o conhecimento científico transformar-se-ia em senso comum. Apesar de, por vezes, apresentar-se como “mistificado” e “mistificador”, mas também “interdisciplinar” e “imetéodico”, o senso comum é enquanto “[...] conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido à nossa vida” (SANTOS, 2010, p. 88) digno de consideração tanto para que a ciência (em nível universitário ou básico) trabalhe para produção de conhecimentos significativos,

quanto reconheça a validade e importância das outras esferas ou níveis de conhecimento.

Alongamos esse leque de trabalho e de abordagem pensando sobre a discussão do fenômeno urbano. Tal fenômeno se manifesta em sua “[...] enormidade, desconcertante para a reflexão teórica, para a ação prática e mesmo para a imaginação. Sentido e finalidade da industrialização, a sociedade urbana se forma enquanto se procura. Obriga a reconsiderar a filosofia, a arte e a ciência” (LEFEBVRE, 2008, p. 7). Sinalizamos aqui a provável ausência e ao mesmo tempo presença implícita da religião em meio à filosofia (afinal, Lefebvre (2008) considera a cidade como meio e mediação dos primórdios da filosofia, e esta era genuinamente imbricada à “religião” seja na cidade oriental, na arcaica, na medieval, e nós diríamos também na cidade “pré-colombiana”). Quanto ao senso comum, estaria na essência do próprio fenômeno urbano, desde a cidade até a sociedade urbana.

Ao considerar as cidades “as criações urbanas mais eminentes, as obras mais ‘belas’ da vida urbana (‘belas’, como geralmente se diz, porque são antes obras do que produtos) datam de épocas anteriores à industrialização” (LEFEBVRE, 2008, p.11) abre-alas à possibilidade de criarmos conhecimento e não apenas de o produzirmos, o que quer dizer o fato de considerar que não devemos fazer do conhecimento um produto industrializado, padronizado (na pior acepção da palavra), e que venha fazer mal a nossa “saúde” individual e coletiva, o que nos faz voltarmos a Santos (2010), que cita alguns dos efeitos negativos da excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico:

As tecnologias preocupam-se hoje com o seu impacto destrutivo nos ecossistemas; a medicina verifica que a hiperespecialização do saber médico transformou o doente numa quadrícula sem sentido quando, de facto, nunca estamos doentes se não em geral; a farmácia descobre o lado destrutivo dos medicamentos, [...] e procura uma nova lógica de combinação química atenta aos

equilíbrios orgânicos; o direito, que reduziu a complexidade da vida jurídica à segura dogmática, redescobre o mundo filosófico e sociológico em busca da prudência perdida; a economia, que legitimara o reducionismo quantitativo e tecnocrático com o pretendido êxito das previsões económicas, é forçada a reconhecer, perante a pobreza dos resultados, que a qualidade humana e sociológica dos agentes e processos económicos entra pela janela depois de ter sido expulsa pela porta; para grangear o reconhecimento dos utentes [...] a psicologia aplicada privilegiou instrumentos expeditos e facilmente manuseáveis, como sejam os teste, que reduziram a riqueza da personalidade às exigências funcionais de instituições unidimensionais (SANTOS, 2010, p.74-75).

Se a lista parece extensa por demais, sentimos informar que esse é apenas um quadro resumo. Pegaremos assim um atalho e nos concentraremos em visualizar alternativas. De antemão, como diria Santos (2010), não seria criando novas disciplinas, em alguns casos na universidade, mas especialmente na educação básica, que se mudaria tal quadro. A título de exemplo não seria com a inserção da disciplina “Educação Ambiental” que viabilizaríamos o “conserto” de ecossistemas degradados. Não sabemos se é dispensável dizer, mas as expressões tipo “o mundo (ou o planeta) é uma grande máquina” ou “corpo humano: a máquina perfeita” são muito mais, razoáveis analogias, que qualquer outra coisa, e assim mesmo com todos os possíveis avanços das ditas Engenharias “sustentável, ambiental, genética” da “biotecnologia”, no que se refere ao planeta e ao corpo humano, não basta produzir uma peça e substituir aquela que havia dado defeito.

Aqui, aproveitamos para pensar que talvez seja esse um importante escolha para a tentativa de propor alternativas para a ciência moderna, o paradigma dominante, e a “extirpação” da realidade e do conhecimento. Chamamos a atenção para as palavras. Mais

precisamente, ao fato de que quando se usa uma palavra para fins de analogia ou como “força de expressão”, especialmente na linguagem escrita, a expressão pode mesmo ganhar uma força desproporcional a que se queria inicialmente dar. Afinal, na escrita a linguagem corporal é suprimida e se a entonação ou ênfase dada a essa ou aquela palavra vai depender e muito do domínio que o escritor tem da língua em que escreve e do leitor da língua em que lê, o certo é que, como diria (não literalmente) nossa orientadora do trabalho monográfico de conclusão de curso na graduação: “você não vai estar lá para explicar ao leitor o que queria dizer quando escreveu isso, então, é necessário que você se coloque no lugar do leitor, tentando ser o mais claro possível”³.

Voltando às características as quais, segundo Santos (2010), centra-se o paradigma emergente, diríamos que a própria ideia da dicotomia entre ciências naturais e sociais se assenta e abarca em outras oposições entre as quais se destaca natureza/cultura, natural/artificial (SANTOS, 2010). Estando ligadas a um projeto e processo de desnaturação da Terra (DARDEL, 2015) e “desnaturização” do ser humano (MOREIRA, 2008a), apesar de bem familiar, a geografia, relacionando-se inclusive com aquela que é talvez a sua mais emblemática dicotomia⁴, tais oposições são pouco razoáveis, seja pela limitação imposta ao processo de aprendizagem, seja pela própria descaracterização do objeto de estudo da geografia: tenha sido ele

³ O leitor já deve ter percebido que ainda não conseguimos seguir tal orientação a contento. Contudo, parece que internalizamos o conhecimento ensinado pela professora, quando estávamos no sofá de casa, assistindo ao programa esportivo “Jogando em Casa”, da TV Esporte Interativo, e em meio à discussão sobre o que os jogadores de futebol e/ou membros de diretorias de times de futebol escrevem na internet e depois são mal interpretados, o comentarista sinalizou que os jogadores deveriam ter cuidado com o que teclavam (escreviam na internet), pois, como diria uma advogada amiga dele: “teclado não tem sobancelhas!”.

⁴ A título de ilustração, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, coloca a Geografia física como subárea da área do conhecimento Geociências, esta inclusa na grande área de Ciências Exatas e da Terra. Por outro lado, a Geografia humana aparece como subárea da Área do conhecimento Geografia, que por sua vez pertence à grande área de Ciências Humanas (BRASIL, 2012).

ao longo do desenvolvimento desta ciência a paisagem, a região, o território, o lugar ou espaço geográfico.

Para Santos (2010, p. 76), todo conhecimento sendo local e total “constitui-se em redor de temas que em dado momento são adotados por grupos sociais concretos como projetos de vida locais [...]”. Percebe-se que o paradigma emergente não bane a fragmentação da ciência (ou alguém crer já sermos capazes de apreender o mundo enquanto totalidade, sem recorte algum?). Na verdade, a alternativa sugerida é que, em vez de disciplinar, a fragmentação seja temática. Tal aspecto é útil para chamar atenção ao quanto o dogmatismo e a dicotomização podem ser negativas. Atentamos que nem tudo, ou quase nada, pode ser resumido entre bem e mal, por exemplo, e assim a fragmentação não deve ser vilanizada, mas sim dosada, afinal, como “comprova” a ciência, é a dose que distingue o veneno do remédio, ou como diriam nossas avós “tudo demais é sobra”.

Voltando à proposição de fragmentação temática, “os temas são galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros” (SANTOS, 2010, p. 76). E nesse ponto uma imagem e uma dúvida nos toma. A imagem é a disciplina de “Estudos Sociais” e a dúvida é: “Seria a ditadura militar brasileira uma vanguardista visionária incompreendida?!”. Pois é, quando se substitui nos currículos da educação básica brasileira as disciplinas de história e geografia pela de estudos sociais⁵, não se está oficializando e concretizando a proposta de uma fragmentação temática e reconhecendo o conhecimento como total e local? E a resposta é sim e não. Sim, se considerarmos o espaço geográfico como “global” e o conhecimento

⁵ Apesar de já circular aos moldes estadunidenses na educação brasileira desde 1930, “a consolidação dos Estudos Sociais em substituição a História e Geografia ocorreu a partir da Lei n. 5.692/1971, durante o governo militar. Os Estudos Sociais constituíram-se ao lado da Educação Moral e Cívica em fundamentos dos estudos históricos, mesclados por temas de Geografia centrados nos círculos concêntricos” (BRASIL, 1997, p. 23).

(especialmente o científico) como total e neutro. Não, se considerarmos mais adequadamente que o espaço geográfico é desigual apesar de combinado, que o lugar expressa o singular/global e que o conhecimento enquanto total e local é intencionalmente “escolhido” por dados grupos sociais, a partir de necessidades e fins específicos⁶.

De acordo com Santos (2010), é com a ciência moderna que o homem é consagrado sujeito epistêmico. Se no caso das ciências ditas naturais, ao menos aparentemente a distinção sujeito/objeto não causou grandes angústias, no que se referem às ditas ciências sociais não se pode dizer o mesmo. Afinal, nesse último caso, “[...] os objetos de estudo eram homens e mulheres como aqueles que os estudavam” (SANTOS, 2010, p. 80). A ideia não é extirpar a distinção sujeito/objeto e sim destacar que o sujeito é sujeito. Ainda que sujeito as possibilidades de pesquisa que o mundo oferece, o pesquisador escolhe umas e não outras. O que quer dizer, que escolhe esse ou aquele objeto de estudo, essa ou aquela metodologia, esses ou aqueles autores para se fundamentar muito com base em critérios implícitos, os quais, em boa parte dos casos, a escrita não revela senão nas entrelinhas. Se para Dardel (2015, p. 7) “o geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente, há um homem a quem se descobre a ‘face da Terra’; [...] há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar”. De fato, como diz Santos (2010, p. 83),

[...] todo conhecimento científico é autoconhecimento. A ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real. Os pressupostos metafísicos, os sistemas

6 No quadro em questão esvaziaram-se os conteúdos de história e geografia, dando-se “contornos ideológicos de um ufanismo nacionalista destinado a justificar o projeto nacional organizado pelo governo militar implantado no País a partir de 1964” (BRASIL, 1997, p. 23).

de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação. A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia (SANTOS, 2010, p. 83).

Desse modo, e frente aos vastos registros na história da humanidade quanto aos benefícios e malefícios que os grupos humanos causaram a outros grupos humanos, a lugares, e à própria Terra enquanto planeta, parece-nos notável a questão de que tanto a arte, como a ciência, a filosofia, a religião e o senso comum foram intensos instrumentos na criação/produção e difusão/materialização de erros e tragédias, mas também de beleza e acertos, devendo-se assim considerar os níveis ou esferas do conhecimento enquanto lentes da realidade e do imaginário, dignas de reconhecimento e de estima (simplesmente estima, nem super nem sub) com as quais os seres humanos e seus grupos podem melhor conhecer o mundo e a si mesmos.

GEOGRAFIA, POESIA, SER E HABITAR

Ao centrar a discussão inicial no fazer científico e sua relação com os tais níveis do conhecimento, percebemos que o conhecimento (científico, religioso, artístico, filosófico, senso comum)⁷ é criado, é produzido, mas ainda enquanto produto humano, passível de erro, é também passível de acerto e beleza. Dito isto, lembremo-nos de que ainda na gênese da ciência geográfica já se relaciona geografia e

7 Vele observar que a distinção dos níveis, esferas, tipos de conhecimento é variacional, não rígida e trata-se mesmo de opção didática e ideológica (visão de mundo) de cada autor. Veja que em alguma medida a nossa opção diverge tanto da de Lefebvre (2008), quanto da de Santos (2010) como da de Sposito (2004).

poesia. Em “Cosmos”⁸, Humboldt já propõe a investigação sobre “*El reflejo del mundo exterior en la imaginación del hombre*”. Logo no início do capítulo aponta:

De la esfera de los objetos exteriores pasamos á la esfera de los sentimientos. En lo que precede hemos espuesto, bajo la forma de un vasto cuadro de la Naturaleza, cuánto nos ha dado á conocer la ciencia, fundada en rigurosas observaciones y libre de falsas apariencias, acerca de los fenómenos y de las leyes del Universo. Pero semejante espectáculo de la Naturaleza que daría incompleto, si no considerásemos de qué manera se refleja el pensamiento y em la imaginación, predispuesta á las impresiones poéticas. (HUMBOLDT, 1875, p. 121).

Humboldt (1875) sinaliza, ainda que dentro duma geografia em gestação fortemente descritiva e duma ciência, segundo ele, “fundada em rigorosas observações e livre de falsas aparências”, a possibilidade da contribuição duma espécie de “Geografia informal, espontânea” (MORAES, 1991), na apreensão dos costumes e espaços dos povos, e assim diríamos nós, na apreensão das maneiras do ser humano habitar.

De acordo com Moraes (1991, p. 27), é a partir da vivência imediata que no senso comum se mostra um “nível primário de apropriação intelectual dos lugares” se cria uma consciência do espaço. Tal consciência pode denominar-se por “Geografia” informal ou espontânea:

[...] nas sociedades que desconhecem a escrita, só se difunde pela tradição oral. Mesmo assim, não há que se despir este conhecimento, advindo da vivência imediata, de sua base objetiva, antagonizando-o com as formas “mais elevadas” da consciência. Trata-se de um saber rudimentar, pré-científico, porém não tão distante de certas especializações técnicas

8 Originalmente, os quatro primeiros volumes de “Cosmos” foram publicados entre 1845 e 1858. Em 1862, o 5º volume foi publicado de maneira póstuma.

geradas na alienação capitalista do trabalho. Assim como estas, manifesta uma “práxis manipulativa”, oriunda da repetição no trato do mundo empírico. Um saber que propicia o manuseio dos fenômenos, sem captar-lhes a mecânica. (MORAES, 1991, p. 27-28).

Notadamente rica, tal consciência do espaço, ainda que “pré-científica” advém da “vivência imediata” e assim diríamos sem grandes restrições, do senso comum, mas se difunde amplamente mesmo via cultura (enquanto modo de fazer) e, mais estritamente, via a arte. Afinal, se ciência e filosofia são as esferas do saber eleitas, arte e senso comum parecem dar-se as mãos por um reclame de uma produção e/ou criação mais coletiva e plural de saber.

Ainda com Moraes (1991), notemos que, se nas sociedades que não utilizam a escrita a “Geografia” espontânea é compartilhada via tradição oral, como ocorreria então tal compartilhamento nas sociedades que não só utilizam como inclusive privilegiam a escrita? Dar-se-ia no caso da nossa sociedade, por exemplo, muito com o auxílio da linguagem informática, por assim dizer, mas ainda fortemente via “tradição” oral, incrementada agora pelo avanço tecnológico-científico como na união da imagem, do movimento e do som contidos no audiovisual.

E nada melhor que a poesia para expressar a força da oralidade. Isso porque, seja explicitamente oral, seja sonora, seja escrita, seja lida, seja “audiovisualizada”, seja como for, a poesia é ainda oral. Nas palavras de Matos (2014, p. 100): “A poesia não se fez para ser lida tão somente em silêncio. Exige ser pronunciada, proferida em voz alta, já que a palavra original é voz, é som. E a voz é a semente inaugural de toda comunicação.”. Não se trata de superestimar a oralidade, mas de pensar quanto, ainda que enquanto palavra grafada, ou figura que fala, o conteúdo, isto é, o sentimento e o conhecimento ali presente e ausente, repercute e ressoa em nós: seja gritando, silenciando ou

corporificando o então apreendido e, por vezes, também o criado, produzido por nós.

A essa altura, diríamos aqui que percebemos com maior nitidez que a temática escolhida para pensar (e oralizar) e escrever não foi preferida exclusivamente para atender ao gosto nutrido por geografia e poesia, mas muito também pela potencialidade que a oralidade e a poesia parecem ter para compartilhamento da chamada “Geografia” espontânea, para percepção nas palavras de Bachelard (1978) duma poética do espaço e mesmo para reclamação dum direito à cidade.

Com a proposição de considerar-se a imaginação um poder maior da natureza humana, Bachelard (1978) abre alas para necessidade do ser caminhar com o real e o “irreal”. Se em suas palavras, “a imaginação, em suas ações vivas, nos desliga a o mesmo tempo do passado e da realidade. Aponta para o futuro” (BACHELARD, 1978, p. 195), é então útil oralizar aqui sua pergunta: “Como prever sem imaginar?” (BACHELARD 1978, p. 195). Esse tem sido o drama de um cenário educacional brasileiro (superior e básico) no qual se quer transformar a realidade em que se vive, mas pouco se admite e se dispõe à imaginação, a “faculdade de produzir imagens” (BACHELARD, 1978, p. 195). Tal panorama lembra quão somos, enquanto sociedade, incríveis! Infelizmente, isso quer dizer aqui o quanto somos difíceis de acreditar. Mas também e felizmente somos, enquanto seres humanos, seres incrivelmente (extraordinariamente) imaginativos e criativos, restando-nos apenas (e isso não é pouco) viabilizar a utilização do real e do “irreal”. Em outras palavras, basta apenas casarmos uma bela imaginação a uma decente razão instrumental e seremos então felizes para sempre! Não de uma só vez, afinal o senso comum e o conhecimento científico têm demonstrado os prazeres e contrariedades da empreitada humana, seja na vida social, seja na conjugal.

Em tal proposição, a poesia parece uma grande ferramenta, seja para conquistar a pessoa amada, seja como no caso em estudo, para viabilizar a utilização do real e do “irreal” entre outras coisas, na apreensão e compartilhamento do conhecimento geográfico. Sobre o papel da poesia:

Uma verdadeira cura de ritmanálise nos é oferecida pelo poema que tece o real e o irreal, que dinamiza a linguagem pela dupla atividade da significação e da poesia. E, na poesia, o engajamento do **ser imaginante** é tal que ele não é mais o simples sujeito do verbo adaptar-se. As condições reais não são mais determinantes. Com a poesia, a imaginação se coloca no lugar onde a função do irreal vem seduzir ou inquietar – sempre despertando – o **ser adormecido** em seus automatismos. O mais insidioso dos automatismos, o automatismo da língua, não funciona mais quando se entrou no domínio da sublimação pura. Vista do ápice da sublimação pura, a imaginação reprodutora deixa de ser grande coisa. (BACHELARD, 1978, p. 195 – grifo nosso).

Refletimos, a princípio, a questão do “ser imaginante”. Diríamos que tal ser é o poeta, enquanto primeiro criador da obra, aquele que se abre às aspirações, inspirações, e porque não, conspirações dos outros seres e do mundo e se põe a concentrá-las e materializá-las, se põe a elaborar, a produzir, a criar, e a compartilhar sua interpretação seja no nível da sedução ou da inquietação. Acrescentaríamos que tal ser é também o leitor, que via ressonância e repercussão se abre a captar a imagem poética, a ouvir e falar com o poema e assim a elaborar, produzir e criar sua interpretação, afinal “as ressonâncias se dispersam nos diferentes planos da nossa vida no mundo, a repercussão nos chama a um aprofundamento de nossa própria existência. Na ressonância, ouvimos o poema, na repercussão nós o falamos, pois é nosso” (BACHELARD, 1978, p. 187).

Sobre a questão do “ser adormecido”, é aqui que o sujeito se torna menos sujeito e mais ser. Isso porque seduzido ou inquietado (ou ambos) o sujeito se liberta dos automatismos desde os escondidos nas mistificações do senso comum, no ópio que em algum momento a religião possa encarnar, na alienação capitalista que esteja a nortear a produção científica, para então poder imaginar a possibilidade doutras culturas, doutras maneiras de fazer, inclusive doutras maneiras de se fazer seu próprio ser. Tal aspecto propiciado pela poesia poderia aflorar doutras maneiras, via elucubração do ato de filosofar, por exemplo, ou numa roda de diálogo (uma resenha) com os vizinhos na rua, mas é notável na arte muito por conta da forte especialização e parcelização não só do saber, mas também do habitar, e assim do ser. No caso da poesia, a notabilidade aparece porque “a imagem poética é essencialmente **variacional**. Ela não é, como o conceito, **constitutiva**” (BACHELARD, 1978, p. 185 – grifo do autor), assim quando enquanto “ser imaginante e adormecido” que somos ao lermos e ouvirmos (o silêncio, o grito ou a expressão corporal) do poema, assalta-nos a mente uma imagem poética. Mas que imagem? Até que ponto captamos de fato a imagem visualizada pelo poeta (primeiro criador do poema) instantes antes, durante e por vezes depois daquela ser materializada por ele? Até que ponto captamos imagens parecidas com as que os outros leitores (segundos criadores como nós) captaram?

O que chamamos atenção é que em sua qualidade de plurissignificativo (MORAES; CALLAI, 2013; MATOS, 2014), ainda que em graus variados e tendo por lastro um conteúdo qualquer, o poema ressoará e repercutirá diversamente em cada leitor. Assim, elaborar a pergunta “no clássico poema tal o grande poeta tal quis dizer que: letra a) isso; letra b) aquilo; letra c) enguiço; ou d) nenhuma das alternativas” a resposta mais correta a se dar seria “favor perguntar ao grande poeta tal o que quis dizer no clássico poema tal, e não esqueça, por gentileza, de depois

nos contar a resposta, pois estamos morrendo de curiosidade, ou, se preferir, estamos morrendo de impulso investigativo científico!”. Com tal ilustração exagerada, afirmamos que não nos parece aconselhável automatizar o sujeito num dos poucos momentos, na sociedade atual, em que ele pode ser Ser, e ser livre.

Quanto à questão da maior notabilidade que a arte dá ao despertar do “ser adormecido”, é importante destacar que é a própria ação de discriminar arte dos outros níveis de saber e de fragmentar a vida cotidiana potencializada pela industrialização e pela ciência moderna que possibilita que enxerguemos tal notabilidade artística. A título de exemplo, a ação de resenhar na rua com os vizinhos, cada vez mais rara em nosso modo de vida, não difere tanto do momento em que nos reunimos num sarau para ouvir poesia, ou levamos as crianças para ver (e ouvir, e imaginar) uma contação de estórias, ou quando nós adultos vamos ao cinema a fim de “ouvirmos estórias” audiovisuais. Na verdade, a diferença maior reside no fato de nas últimas reuniões citadas, haverem momentos “oficiais”, parcelas de nosso tempo (industrial, de produção) a serem usados em dado espaço (também industrial, de produção).

Nesse ponto, adentramos na questão da forma, ou formas que temos habitado os espaços, da nossa casa ao nosso planeta, aqui vale enfatizar que sim, originalmente o planeta é nosso.

Ao tentar balizar o percorrido pelo fenômeno urbano, Lefebvre (1999) aponta que:

A agricultura somente superou a coleta e se constituiu como tal sob o impulso (autoritário) de centros urbanos, geralmente ocupados por conquistadores hábeis, que se tornaram protetores, exploradores e opressores, isto é, administradores, fundadores de um Estado ou de um esboço de Estado. A **cidade política** acompanha, ou segue de perto, o estabelecimento de uma vida

social organizada, da agricultura e da aldeia (LEFEBVRE, 1999, p. 18-19 – grifos do autor).

No dizer de Lefebvre (1999) é sobre o trabalho dos primeiros grupos humanos na indicação e nomeação de lugares que mais tarde a sedentarização e a agricultura poderão se constituir num processo em que a cidade emerge. Consideremos por aqui a cidade enquanto obra em suas diversas formas e funções não excludentes, desde a cidade política (asiática, arcaica e “pré-colombiana”), a cidade comercial da Europa medieval, a cidade industrial e ao ponto crítico que Lefebvre (1999) caracteriza pela concentração urbana, êxodo rural, extensão do tecido urbano, subordinação completa do agrário ao urbano, e assim a possível sociedade urbana. Nesse sentido, se a cidade está entre as mais “belas” e significantes obras humanas, não por acaso a elegemos para captar o habitar perdido!

Pensemos, que se o gérmen da vida coletiva da aldeia, ainda que com suas divisões hierárquicas, e do trabalho, por sexo, idade... organizava-se a partir da natureza, dos ciclos, diários (amanhecer, anoitecer) ou estacionais de colheitas e plantios, é a cidade, diríamos mais adequadamente, é o urbano quem organiza e é “organizado” atualmente por nossa sociedade. Parece importante atentarmos ao chamamento de Lefebvre (1999; 2008), para as continuidades e descontinuidades do caminho percorrido, em percurso e a ser percorrido pelo urbano, no que se refere ao espaço-tempo, o que nos lembra do inesquecível caráter desigual e combinado do desenvolvimento geográfico.

Para melhor apreensão analítica do fenômeno urbano há um quadro sincrônico onde dialogam: o nível global, no qual “se exerce o poder, o poder do Estado, como vontade e representação” (LEFEBVRE 1999, p. 75), o nível misto, mediador ou intermediário, que se refere à

vida urbana, com suas formas-funções-estruturas, desde as funções internas como as relativas à circunvizinhança. E, por fim, o nível privado, o do habitar, dos imóveis. É neste nível que Lefebvre (1999, p. 78, grifo do autor) recai na oposição entre habitar e habitat:

No final do século XIX, um pensamento (se é possível dizer) urbanístico, tão forte quanto inconscientemente *reductor*, pôs de lado e literalmente entre parênteses, o *habitar*. Ele concebeu o *habitat*, função simplificada, restringindo o “ser humano” a alguns atos elementares: comer, dormir, reproduzir-se. Nem ao menos se pode dizer que os atos funcionais elementares sejam animais. A animalidade tem uma espontaneidade mais complexa (LEFEBVRE, 1999, p. 78 – grifos do autor).

Se a ideologia e prática do habitat advêm da “aplicação de um espaço global homogêneo e quantitativo obrigando o “vivido” a encerrar-se em caixas, gaiolas, ou “máquinas de habitar”” (LEFEBVRE, 1999, p. 79), e se o habitar enquanto prática milenar é difícil de ser elevada a palavra, acertadamente (e paradoxalmente?!) a poesia é chamada à cena, pois, para Lefebvre (1999, p. 79), “[...] o ‘ser humano’ (não dizemos ‘o homem’) só pode habitar como poeta. Se não lhe é dado, como oferenda e dom, uma possibilidade de habitar poeticamente ou de inventar uma poesia, ele a fabricará à sua maneira”⁹. Ele, o ser humano, fabricará, e melhor, criará, mesmo em condições adversas, tal qual nosso cotidiano marcado pelo valor de troca, num mundo regido pela mercadoria.

Parece-nos aqui uma questão nuclear, qual seja: a necessidade de atendermos ao desejo de nosso ser por habitar, e assim por efetivarmos enquanto ser. Atender tal mister só é possível se encararmos desde o planeta, que já dissemos que é nosso, até a sociedade

⁹ Aqui Lefebvre se embasa e/ou se inspira em Heidegger, que revive as palavras de Hölderlin: “O homem habita como poeta”.

urbana, especialmente em seus níveis: global; misto, mediador ou intermediário (o especificamente urbano); e privado (LEFEBVRE, 1999), com a mesma afetividade que encaramos nossa casa, pois se Bachelard (1978, p. 200) diz ser “[...] a casa nosso canto do mundo. [...] nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”, é preciso extrapolar a função de habitar para os outros também nossos cantos do mundo.

E como proceder então? Certamente não devemos nos esquecer da consideração da ordem próxima, relações dos indivíduos em seus grupos e destes entre si, como da ordem distante, se referindo aquela vinda das instituições, como Estado e Igrejas (LEFEBVRE, 2008). No entanto, no âmbito da poesia, é importante arriscar-se um pouco além, e então ultrapassar o terreno da descrição subjetiva ou objetiva, visando alcançar as “[...] virtudes primeiras, aquelas em que se revela uma adesão, de qualquer forma, inerente à função primeira de habitar.” (BACHELARD, 1978, p. 199). Assim, a busca é pelo captar a imagem do verso, ou mesmo que mais raro, a imagem do poema por completo.

IMAGENS POÉTICAS PARA SER E HABITAR

Talvez seja útil agora (antes tarde do que nunca?!), clarificar as raízes da escolha dos poemas e poetas para o diálogo e também o processo de criação/produção do presente escrito. Primeiro surgiu a ideia de dialogar geografia e poesia, espaço e poema...; depois (da preguiça intelectual) e da ideia surgida e relegada ao canto, vieram as imagens criadas através de leituras, audições poéticas, fortuitas e assistemáticas, para aí sim a paixão desabrochar e fazer retornar aquela ideia quase esquecida. Em seguida, buscamos os teóricos os quais poderiam enriquecer o diálogo. Sobre os poemas, foi entre os poetas que comumente lemos (ouvimos) e os recém-lidos graças ao

impulso daquela primeira ideia, que “escolhemos” poemas e versos que nos permitiram criarmos imagens como de súbito, o que quer dizer, poemas e versos que nos estimularam de algum, e de diferentes modos, a faculdade de imaginar.

É válido destacar que de modo geral o trabalho de geógrafos em torno da relação entre geografia e literatura tem sido abordado em três vieses: a literatura como complemento duma geografia regional; como transcrição da experiência dos lugares; e como crítica da realidade ou da ideologia dominante (BROSSEAU, 2007). O ponto-chave é que em ambos os casos predomina uma concepção instrumental de literatura, a qual pode servir como fonte de informações complementares a uma análise regional; para alçar o homem ao centro das atenções (pois a “Nova Geografia” o havia exilado); ou mesmo para criticar a ideologia dominante duma sociedade capitalista, mirando sempre a justiça social (BROSSEAU, 2007). Veja que assim “[...] sabe-se exatamente o que se procura e, infalivelmente, isso é encontrado” (BROSSEAU, 2007, p. 60), afinal, como já diria a sabedoria popular “Quem procura acha!”. Ainda que experimentalmente, optamos em nos atentarmos mais com a especificidade do texto literário. Assim, a investigação se centra em de que maneira, de que forma, com que especificidade a poesia, a linguagem poética pode expressar o urbano. Se ainda que o conteúdo, ou seja, o urbano está mais ou menos “garantido” pelo simples procedimento da escolha dos poemas, por sua vez a forma¹⁰ é quem deixa o microfone do texto ligado, para que o texto possa também se expressar. A ideia é então não fabricar uma análise instrumental do texto, assim como não se render a tudo que o texto (com toda sua plurissignificação) nos diz. No mesmo sentido, parece-nos adequado quanto à análise do papel do poeta não polarizar nem na experiência

¹⁰Se referindo tanto à estética e ao estilo dos poemas, quanto às formas que o conteúdo urbano é criado no real e no irreal.

Geografia, poesia e algumas palavras sobre saber, ser e habitar
Vinícius Anselmo Goes

de vida e inspiração do gênio, muito menos na posição que ele ocupa na divisão de classes, e conseqüente parcela do urbano que lhe cabe. Obviamente tal empreitada não é simples, especialmente pelo fato de exigir um equilíbrio. Diante disso, e para prosseguimento da conversa, caminhemos então pelas ruas:

[...]
Rua da União...
Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)
Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...
...onde se ia
pescar escondido
[...]
(BANDEIRA¹¹, 2001, p. 77)

Apesar da nostalgia e saudosismo que possamos evocar ao lembrar a infância, o habitar lá possível ressoa forte e já sai da casa, não para abandoná-la, mas antes para expandi-la, para apropriar-se mais afetivamente que efetivamente do urbano. Se a necessidade, do

¹¹ Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, nasceu no Recife, Pernambuco, em 1886, e faleceu no Rio de Janeiro capital, em 1968. Poeta, cronista, ensaísta, tradutor e professor. Na infância e adolescência mudou-se com a família por várias vezes (do Recife ao Rio de Janeiro, Santos e São Paulo). Cursou o primário no Recife e o secundário, no Rio de Janeiro. Em 1903, em São Paulo, cursa arquitetura e desenho, mas abandona-os por causa da tuberculose. Percorre então, por cidades brasileiras e estrangeiras em busca de tratamento. Ao voltar da Suíça, passa a morar no Rio de Janeiro, onde em 1917 cunha e lança 200 exemplares de sua primeira obra: *A Cinza das Horas* (livro de poemas). Em 1921, aproxima-se dos modernistas Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), e do crítico Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Ainda que não participe da Semana de Arte Moderna, apoia-a com seu poema "Os Sapos". Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1940. "Sua obra, marcada por aparente simplicidade, vale-se do apuro técnico e musicalidade ao tratar de temas do cotidiano. Vinculado ao Modernismo, nunca deixa de lado as formas tradicionais como sonetos, redondilhas, baladas etc." (MANUEL..., 2015).

"atrás de casa" pode ser um lugar das travessuras e coisas erradas, e pode esconder e negligenciar as continuidades e discontinuidades do urbano (LEFEBVRE, 1999; 2008), sem dúvida ela é imprescindível quando nos faz duma só vez expressarmos nossa topofilia ao lado de nossa topofobia, sendo esta última normatizada nesse caso no nível global, na ordem distante.

Notemos que o poeta mostra toda sua afeição mais pelo lugar de sua infância que pela rua enquanto um lugar geométrico específico. Certamente, corroboramos com seu bom gosto em dizer da beleza dos nomes das ruas de sua infância. Ainda que o senso comum nos ensine que gosto não se discute, cada um tem o seu! (no caso brasileiro, alguns diriam também: futebol e religião não se discutem), não nos parece haver dúvida de que "Rua da União" é infinitamente muito mais belo que "Rua Dr. Fulano de Tal". Nesse sentido, o medo, a relação topofóbica com o espaço, ainda que por perspectiva, vista só no irreal, é compreensível e diríamos até louvável, afinal, se a rua se configura por uma via geralmente pública envolta por casas (lugares por excelência), nada mais temeroso que a possibilidade de que a rua se torne propriedade de um só ser, ainda que este seja um Doutor. Por outro lado, a toponímia de "Rua da União" parece evocar algo de bom, algum sentimento de pertença, de identidade coletiva que pode nos ajudar a pensar o quanto pode ser frutífero e viável fazer do urbano também casa.

Nesse sentido, se para Dardel (2015), foi a urbanização, fato caractere do século XX, no qual:

Imensas populações nascem e se movem de cidade, um número enorme de homens é, praticamente, "de desenraizados", sem ligações duráveis com a terra ou com um horizonte natural, seres nos quais os observadores mais "objetivos" concordam em reconhecer o caráter irritadiço, volúvel, sujeito a psicoses ou a contágios afetivos (DARDEL, 2015, p. 29).

E para Moreira (2008), o final do mesmo século XX teve seu mal-estar geográfico,

[...] determinado pelo modo de ser-estar-espacial criado como cultura no Ocidente, onde o homem está, mas não é espaço. Tal mal-estar é uma mistura de desenraizamento e manipulação do imaginário que hoje se põe em evidência na forma das guerras de destruição, violência generalizada e perdas de referência humana (MOREIRA, 2008, p. 133).

Diríamos que tal mal-estar referido pelos autores em períodos e com nuances diferentes (mas complementares), tal mal-estar não foi passageiro, e se faz presente ainda no início do século XXI. No caso brasileiro não via guerra (pelo menos não oficial), mas sim via violência generalizada na atmosfera de insegurança advinda da estratificação social e da segregação geográfica, manifesta nas ruas, nos condomínios fechados por cercas elétricas e segurança privada, na existência de favelas e congêneres, podendo ser visualizadas mais exemplarmente na ocorrência das práticas de presentificação e particularização¹² com as quais:

[...] a redução da vida cotidiana ao particular e ao imediato gera a limitação das possibilidades de **humanização**, em uma perspectiva plena e universal. A democracia se fragiliza, e torna-se cada vez mais raro o contato com a diversidade, com o **outro**. Seu corolário é o aumento da intolerância, da sensação de insegurança, além da dificuldade de incorporar uma ética de responsabilidade em relação ao espaço público. (SOUZA E SILVA, 2011, p. 229 – grifo do autor).

¹²De acordo com Souza e Silva (2011, p. 228) a presentificação é uma “[...] prática social dominada pela cotidianidade, que se manifesta como um eterno agora”. Ao passo que a particularização espacial “[...] contribui para que o lugar seja ponto de partida e de chegada da existência”. O habitante da favela (acrescentaríamos: o dos bairros periféricos e mesmo dos condomínios fechados) em maior parte do tempo não se reconhece como “pertencente à pólis, à cidade”.

Em tal quadro é indispensável, então, a recuperação das referências humanas e urbanas, e por certo não parece haver lugar melhor a reencontrá-las que no urbano da infância. Afinal, se é

[...] difícil para um adulto recapturar a perdida vividez das impressões sensoriais (exceto ocasionalmente) como a frescura de uma cena após a chuva, a fragrância penetrante do café antes do desjejum, quando a concentração do açúcar no sangue está baixa, e a pungência do mundo durante a convalescência após uma longa doença. Uma criança, de cerca de sete ou oito anos até os treze, catorze, vive a maior parte do tempo, neste mundo vívido. Ao contrário do infante que está aprendendo a andar, a criança mais velha não fica presa aos objetos mais próximos nem aos arredores; ela é capaz de conceituar o espaço em suas diferentes dimensões; gosta das sutilezas na cor e reconhece as harmonias na linha e no volume. Ela tem muito da habilidade conceitual do adulto. Pode ver a paisagem como um segmento da realidade “lá de fora”, artisticamente arranjado, mas também a conhece como uma força, uma presença envolvente e penetrante. Sem a carga das preocupações terrenas, sem as cadeias da aprendizagem, livre do hábito enraizado, negligente do tempo, a criança está aberta para o mundo [...] (TUAN, 1980, p. 65).

Assim, e continuando a buscar o urbano esquecido na infância, nos permitamos então voltar ao ano de “1989”,

Lá tinha água de bica, sem caixa e torneira,
desagua rica, lá da cachoeira,
límpida, e os paralelepípedo a trepidar
na madeira da roda das carroça,
barulheira (nossa!)
[...]
As Kombi trocava garrafa por doce
Qualquer que fosse, é, tipo gibi de amendoim, oxi!
Paçoca, quindim, magina
O enxame de vasilhame ao toque das buzina
[...]
Sonho era pião, bola de capotão

Geografia, poesia e algumas palavras sobre saber, ser e habitar
Vinícius Anselmo Goes

E nós barrigudim, atrás dos caminhão
Arame farpado, e caco de vidro nos muro
Colocado já deixava seguro
Colchas de fuxico, flores, muito rico
Cores e o sonho descer de barco o velho chico
Home, conheço todo mundo de nome
São leis de onde crime era roubar frutas lá no japonês
Te falar rapaz
Chamam de cidade grande, mas antes parecia bem mais...

Hoje veio progresso, pode olhar
Asfalto e som alto, pode olhar
Fumaça e concreto, pode olhar
Antena e contrato, pode olhar

Eles me oferecem contratos de milhão
Pra mimsozinho
Eu penso e digo não
Por que meu sonho é tudo baratinho
(EMICIDA¹³, 2011, faixa 8).

Nesses versos a rua já é casa, com toda liberdade que permite, inclusive, a troca, mas apenas se esta engendre o uso e seu valor, nesse caso, seu valor de sabor, de “doce”. Tal poema nos recorda então que “a cidade, como realidade geográfica, é a **rua**” (DARDEL, 2015, p. 28 – grifo do autor). Se nos versos de Bandeira (2001) o pescar escondido no cais da “Rua da Aurora” já demonstra o laço afetivo de alegria do poeta com o espaço aquático (DARDEL, 2015), em Emicida (2011)

¹³ Rapper, compositor, nascido em 1985 (ou 1986), em Jardim Fontalis, na Zona Norte de São Paulo. Apesar de “iniciar-se” na arte via os quadrinhos tendo cursado design gráfico, foi participando de várias “Batalhas de Rap” (disputas entre MCs na base de rimas improvisadas, *freestyle*) que ganhou o nome de Emicida (junção de MC e Homicida, pois “matava” os adversários nas batalhas). É considerado hoje um dos principais expoentes da cena atual do hip hop brasileiro. Como artista independente, é um dos criadores da firma Laboratório Fantasma qual funciona como selo, marca, editora, produtora que agencia Emicida e outros rappers, e atua na criação, produção, comercialização/distribuição de shows, camisetas, CDs e acessórios. Tem abordado em suas obras a vida na periferia, sonhos, racismo, África, cidade de São Paulo e também mulheres e amor.

tal relação é expressa no contato real com uma água límpida, rica e natural advinda da cachoeira, como no contato irreal de descer de barco o “velho Chico”¹⁴.

Apesar do saudosismo e a nostalgia continuarem presentes, é mister avançar, pois ainda que os processos globais influenciem tempos e espaços urbanos, gerando e gerindo um mal-estar geográfico, não o fazem sem que os grupos possam apropriar-se deles para “esculpir” o espaço através da atribuição de “ritmos” (LEFEBVRE, 2008). Assim, se no ritmo e poesia de Emicida (2011) não ouvimos mais como em Bandeira (2001) sobre a topofobia “irreal”, ouvimos sim o ex-“irreal” agora real, pois a essa altura já foi esculpido no espaço urbano, já podendo inclusive ser visto: “Hoje veio progresso pode olhar/ Asfalto e som alto pode olhar/ Fumaça e concreto pode olhar / Antena e contrato pode olhar”.

Note-se, que mesmo que não dito explicitamente o evocar do urbano vivido e habitado na infância, seja em Emicida (2011) ou em Bandeira (2001), parece desejar que os crimes voltem a resumir-se ao “roubar frutas lá no japonês” ou a “fumar e pescar escondido”, num urbano mais habitável, de ruas com menos automóveis circulando e consequentemente mais espaço para correr, pisar no chão, enraizar-se (na infância) e descobrir espontaneamente, no trato do mundo empírico, sobre a compressão espaço-tempo, pois se hoje “chamam de cidade grande, [...] antes parecia bem mais...”.

Reafirmando a inadequação (pelo menos neste escrito), de adentrar na celeuma de ter que escolher entre a experiência e imaginação do indivíduo ou a classe e o grau de alienação do sujeito, cabe problematizar aqui a especificidade dos poemas em questão buscarem

¹⁴ Aparente referência ao Rio São Francisco, um dos mais importantes rios da América do Sul, atravessa cinco Estados brasileiros, e tem extrema importância para Região Nordeste do Brasil.

Geografia, poesia e algumas palavras sobre saber, ser e habitar
Vinícius Anselmo Goes

na infância uma referência humana extraviada pelos ditames do modo de produção capitalista advindo duma ordem distante. Destacamos o cuidado necessário para com as inconveniências e perigos que a linguagem nostálgica do poema possa vir ressoar em nós, e ainda, o modo com o qual repercutiremos tal linguagem e sentimento nostálgico em nossa ideologia (visão de mundo) e em nossa vivência imediata. Esse destaque advém da necessidade de situar e estimular o diálogo entre o texto literário (nesse caso o poema) e o leitor, ouvinte. Assim, a crítica ao espaço e a maneira de estruturação do urbano contemporâneo do poeta é rica, mas a repercussão assegura ao leitor a liberdade de poder até mesmo encarnar uma possível exaltação descabida e acrítica do urbano pretérito, mas jamais fará isto de forma *a priori* e determinística.

Diante do exposto e considerando que, os grupos e seres humanos são capazes de inovar “[...] no modo de viver, de ter uma família, de criar e educar as crianças, de deixar um lugar mais ou menos grande às mulheres, de utilizar ou transmitir a riqueza” (LEFEBVRE, 2008, p.58), são capazes também de “sonhar baratinho” e considerando as descontinuidades e continuidades, inovar na recriação dum, ou de vários, outros modos de saber, ser e habitar. Ao captarem-se imagens sobre os vestígios do habitar que expande as fronteiras da casa para tentar voltar à cidade, ao urbano, não se poderia deixar de compartilhar também, as imagens que duma só vez denunciam a miséria do habitat e gritam a necessidade de expansão do habitar para a sociedade urbana e sobre aquele. Urge então desvendar “O que vocês não sabem nem imaginam”:

[...]
Todas as manhãs tudo se repete.

O poeta Eduardo White se despede de min
à porta de casa,
agradece-me o esforço que é mantê-lo
alimentado, vestido e bebido
(ele sem mover palha)
me lembra o pão que devo trazer,
os rebuçados para prender o Sandro,
o sorriso luzidio e feliz para a Olga,
e alguma disposição da que me reste
para os amigos que, mais logo,
possam eventualmente aparecer.

Depois, ao fim da tarde
já com as obrigações cumpridas,
rumo a casa.
À porta me esperam
a mulher, o filho e o poeta.
A todos cumprimento de igual modo.

Um largo sorriso no rosto,
um expresso cansaço nos olhos,
para que de min se apiedem
e se esmerem no respeito,
e aquele costumeiro morro de fome.

Então à mesa, religiosamente comemos os quatro
o jantar de três
(que o poeta inconsta
na ficha no agregado).

Fingidamente satisfeito ensaio
um largo bocejo
E do homem me dispo.
Chamo pela Olga para que o pendure,
junto ao resto da roupa,
com aquele jeito que só ela tem
de o encabidar sem o amarrotar.

O poeta, visto-o depois
e é com ele que amo
escrevo versos

Geografia, poesia e algumas palavras sobre saber, ser e habitar
Vinícius Anselmo Goes

e faço filhos.
(WHITE¹⁵, 2003, p. 240-241).

Se são muitos os versos, a imagem que nos chega não passa duma. É preciso Ser. É preciso tirar o “poeta” de casa e levá-lo a habitar as ruas, as praças, as instituições. Insistimos na questão da expansão da casa, pois se não conseguimos (cerceado pelas ordenações implícitas e explícitas das instâncias superiores, que se produzem no nível global, mas se tornam vivas também no nível privado, sob “mediação” do nível misto), se não realizamos tal projeto, como conseguiríamos nos sentir ser e habitante do cosmo?! Além do mais, graças aos vestígios que sobraram das cidades, enquanto valores de sonho, “[...] últimos valores que permanecem quando a casa já não existe mais” (BACHELARD, 1978, p. 208), assim como valor de uso, mesmo com a hegemonia da industrialização e do produto num cotidiano em ritmo de fábrica, podemos e devemos usar das imagens poéticas, aproveitar dos ciclos naturais e seguir a “Primavera”, imaginando, criando, e levando o poeta que há em cada um para fora de casa, pois:

Chega de dor
A primavera aspira a dança
É, já chegou
Nos ânimos causa alternância
Como uma brisa suave
Que toca o galho e balança
Como a vida me vale
Do vale eu trago lembrança

¹⁵Eduardo Luís de Menezes Costley-White, nasceu em 21 de novembro de 1963 em Quelimane, filho de mãe portuguesa e pai inglês, tendo falecido em 27.08.2014, na cidade de Maputo. Sua poética é marcada por tematizar o amor e o erotismo, a mulher, o Oceano Índico, a viagem, o Oriente e a Ilha de Moçambique (SPINUZZA, 2009). Foi um dos poetas ligados à fundação da revista bimestral “Charrua”, da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), a qual contribuiu com a renovação da literatura moçambicana em meados dos anos 1980.

Das brincadeiras de rua de quando se é criança
Do joelho ralado, marcado pela infância
Sem ligar pra horário dando a mínima importância
[...]
É... A liberdade do pássaro, era esperança
E cor, o voo experiência, amor
Ninguém explica, nem a ciência, sem obediência
Como se equilibra o beija-flor

E eu vi um beija flor, no 9º andar, na janela
E o danado me fez lembrar
Porque que vivi, porque nasci
É... E já que tô aqui quero voar
[...]
(REIS¹⁶, 2014, faixa1).

Desse modo, é usando lembranças do vale da infância, daquela época e lugar onde ainda não éramos habituados e programados a enraizar-se exclusivamente na casa, que poderemos ir ver o mundo de modo mais aberto (TUAN, 1980), no qual habitávamos a rua, o urbano, sem nos restringirmos à apreciação das imposições da ordem distante, entre as quais está a tentativa de aprisionar o tempo num relógio. Poderemos atentar também aos ciclos naturais e aos movimentos doutros seres vivos, que mesmo que não humanos conseguem-se equilibrar-se, ameaçar jogar por terra (de cima do 9º andar) o estatuto de melhor lente da realidade atribuído apressadamente à ciência,

¹⁶Rapper, 25 anos, nascida em Jacareí, interior de São Paulo, já dançou *street dance*, cursou tecnólogo em design de moda, mas tem ganhado o cenário artístico brasileiro mesmo é com suas músicas, sua voz e sua poesia, pois como confessou em entrevista Tássia Reis (*apud* BENTO, 2015) “Ao contrário do que todos pensam, eu só comecei a cantar porque eu queria mostrar o que escrevia, e a partir daí começaram a elogiar a minha voz e surgiram os primeiros convites”. Sobre suas obras conta: “A inspiração é muito sutil, é preciso estar atenta para perceber a sua presença e respeitar o momento em que ela estiver por ali. Nada é bobo, fútil, ou menor. [...] O que determina é a deusa inspiração, senão tudo é em vão, é só assunto e não vira música”.

possibilitando recordar uma questão¹⁷ de Dardel (2015) sobre as águas marinhas, a qual parafraseamos e empregamos assim: Em que nível da realidade o beija-flor é verdadeiramente real? No nível do fenômeno, onde sua habilidade de “pairar” no ar e “voar de ré” nos encanta, fascina e instiga? Ou no nível do esquema advindo da análise físico-bio-química?

Diríamos, que em ambos os níveis de realidade o beija-flor é especialmente verdadeiro. Contudo, o que parece mais importante é que com tal ser vivo, o poema ressoa e repercute em nós a imagem de que vivemos e nascemos para sermos Ser, e assim nos damos conta de que não é à toa que nós, humanos, queremos tanto voar, habitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU SERÁ QUE A INSPIRAÇÃO VEIO?!)

Diante do já dito o que há mais por dizer? Muitas coisas, não agora, mas (e mais), em futuro, afinal (não de contas, mas de versos), lacunas permaneceram abertas e direções foram apontadas. Nesse bojo, destacamos a necessidade de maior e mais específica insistência na questão do saber, considerando por hora que a fragmentação foi e é útil para análise (perguntamos mais uma vez, levante o dedo aquele que já é capaz de apreender a realidade e o imaginário como um todo?); mas que não é nada saudável nem a obsessão que se tem visto pelo “esquartejamento” do conhecimento, tão pouco a superestimação de alguns de seus níveis em detrimento doutros.

Destacamos também, o mister de aprofundar-se (teórica, empírica e vivencialmente) quanto a questão do Ser, ao passo que consideramos a poesia como importante inspiração e fonte para o dever e prazer que

¹⁷ “No próprio seio do universo científico, um mal-estar provém da oscilação sincera do pensamento entre duas ordens do mundo: a da realidade concreta, mais local e momentânea; a do real, abstrata e universal, resgatada pelo método científico.” (DARDEL, 2015, p. 96-97).

há nas tarefas de inovação e criação do urbano. No caso em estudo, a poesia pôde expressar o urbano em verso, com e sem rima, com e sem música, com natureza mineral, vegetal, animal e humana, com masculino e feminino, com topofilia e topofobia, com casa, rua e cosmo, com o real e o com o irreal, mas, mormente, com imaginação.

Parafraseando Lefebvre (1999) e Emicida (2011), apostamos numa “Revolução urbana e Silenciosa”, não no sentido de ausência de oralidade (seja em forma de grito, silêncio e/ou expressão corporal), mas antes, em sentido duma revolução nos ritmos do urbano, sobretudo, expandindo a casa à rua, pois se o nível misto é denominado também intermediário, mediador, está sincronicamente ocorrendo com o global e o privado, sendo o habitar o único caminho possível. Lembremo-nos então da infância e percebamos que “O único impossível” é extinguirmos o poeta que há em nosso ser:

Mordaças
A um Poeta?

Loucura!

E por que não
Fechar na mão uma estrela
O Universo num dedal?
Era mais fácil
Engolir o mar
Extinguir o brilho aos astros
(MARTINS¹⁸, 2003, p. 153).

¹⁸ Nascido em Mindelo (ilha de São Vicente) 1928. Após completar o liceu nesta cidade, Ovídio Martins segue para Lisboa, em 1947, onde cursa Faculdade de Direito, qual não chega a terminar por razões de saúde. Perseguido, preso e refugiado em Amsterdã por atuar na militância antifascista, retorna a Cabo-Verde após a independência. Co-fundador do Suplemento Cultural (1958). Busca em sua obra uma espécie de revitalização da língua crioula e uma abordagem social da seca, fome, emigração e sofrimento. Tem como livro de maior repercussão o “Gritarei, berrarei, matarei, não vou para Pasárgada” de 1977, o qual segundo Stoenesco (1999) trata-se duma resposta indireta ao “Vou-me embora para Pasárgada”, do poeta, já citado por aqui: Manuel Bandeira.

Por fim, aproveitamos Martins para ressaltar que o ponto bonito e projetivo principal em nos lembrarmos da infância e grassarmos com o irreal é que só podemos fazer isso enquanto adultos munidos duma racionalidade já formada e capaz agora, de usar de toda a liberdade visionária da infância para novamente enraizar-se na rua, remediar o mal-estar geográfico, habitarmos, e moldarmos nosso ser e o mundo. Assim, se nesse diálogo entre geografia e poesia, parecemos satisfazer duma só vez a aspiração da geografia humanista e da radical colocando o homem e a mulher no centro das preocupações e reclamando um espaço com mais justiça social, é que de fato o “soneto saiu melhor que a encomenda”!

Quanto à inspiração, meio desajeitada, mas ainda assim digna de ser compartilhada, ela veio, está aqui e se segue:

O que querer ser quando creSCer?
Artista, cientista, religioso ou filósofo?
Ou será algo do senso comum
Algo meio sem rótulo?!

Desculpe decepcionar e frustrar
Mas não quero essas coisas pra vida
Quero mesmo é ser Esportista!
E então, me diga se não me enquadro
Nas tuas vãs tentativas taxonomistas?!
Não podemos dizer que ser Esportista
É algo do trivialmente comum
Talvez algo religioso, em alguns casos precisamente ciência
exata
Para os filósofos gregos era o Esporte
A única atividade corporal a fabricar suor nobre!

Então, sem muito Saber de opção
Com tanta (pouca, falta ou sobras) de educação
No “país do futebol”, com ópio, pão, circo, 7 a 1 ou não

O bom mesmo é sonhar, em jogar no time do coração
E que Sá, da copa do mundo ser campeão!

Mas, como sonho é sonho
E projeto é projeto
Diferente de muito arquiteto
Vou projetar algo diverso e fraterno.

O que quero Ser quando crescer eu confesso:
Eu quero é Ser, um Humano digno de Habitar
Esse nosso simples, mas não simplório,
Uni[e]verso! ☺

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). p. 181-354.

BANDEIRA, Manuel. Evocação do recife. In: BANDEIRA, Manuel. **Antologia poética**. 12.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.76-78.

BENTO, Nerie. **Tássia Reis: negra trajetória**. Disponível em: <<http://www.bocadaforte.com.br/noticias/tassia-reis-negra-trajetoria.html>>. Acesso em: 1 set. 2015. Entrevista.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais 1ª a 4ª: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2015.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Tabela áreas do conhecimento**. 2012. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 28 mai. 2015.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p. 17-77.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

EMICIDA. 1989. In: EMICIDA; BEATNICK; K-SALAAM. **Doozicabraba e a revolução silenciosa**. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2011. 1 Mixtape. Faixa 9. Disponível em: <<http://www.deezer.com/album/7502311>>. Acesso em: 6 Mar. 2014.

MANUEL Bandeira. In: ENCICLOPÉDIA Itaú cultural de arte e cultura brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1381/manuel-bandeira>>. Acesso em: 2 Set. 2015. Verbete da Enciclopédia.

HUMBOLDT, Alexander Von. **Cosmos**: ensayo de una descripción física del mundo. Tomo II, Sevilla, Eduardo Perié Editor, 1875. Disponível em: <<https://ia802606.us.archive.org/3/items/cosmosensayodeuno1humbuft/cosmosensayodeuno1humbuft.pdf>>. Acesso em: 14 Nov. 2014.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. 5. ed. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2008.

MARTINS, Ovídio. O único impossível. In: DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo (org.). **Poesia africana de língua portuguesa**: (antologia). Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.p. 153.

MATOS, Edilene Dias. Corpo e voz: teatralidade das poéticas orais. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; LIMA, Elizabeth Gonzaga (org.). **Modos de ler**: oralidades, escritas e mídias. Curitiba: Arte & Letra, 2014.p. 91-106.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**: espaço cultura e política no Brasil. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti. Literatura e geografia em uma proposta interdisciplinar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva (org.). **(Geo)grafia e linguagens**: concepções, pesquisas e experiências formativas. Curitiba: CRV, 2013.p. 133-152.

MOREIRA, Ruy. O mal-estar espacial no fim do século XX. In: MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 133-141.

_____. Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. In: MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 143-159.

REIS, Tássia. Primavera. In: REIS, Tássia. *et al.* **Tássia Reis (EP)**. [S.l.:s.n.]. 2011. 1 EP. Faixa 1. Disponível em: <<http://www.deezer.com/album/8721749>>. Acesso em: 21 Abr. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA E SILVA, Jailson de. Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. In: SANTOS, Milton. *et al.* (org.). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 207-230.

SPINUZZA, Giulia. **A poética de Eduardo White**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos Literaturas Africanas de Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/375>> Acesso em: 1 Set. 2015.

Geografia, poesia e algumas palavras sobre saber, ser e habitar
Vinícius Anselmo Goes

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

STOENESCO, Dominique. Na morte de Ovídio Martins poeta e militante cabo-verdiano. **LATITUDES**, [S.l.], nº 6, set.1999. Disponível em: <http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/17_6_13.pdf>. Acesso em: 1Set. 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

WHITE, Eduardo. O que vocês não sabem nem imaginam. In: DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo (org.). **Poesia africana de língua portuguesa**: (antologia). Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.p. 240-241.

Submetido em Maio de 2015.

Revisado em Setembro de 2015.

Aceito em Outubro de 2015.